

VISUAIS/Mostra

Na arte de Camargo, energia em preto e branco

Uma exposição de peças inéditas e um livro sobre a obra de Sérgio Camargo focalizam seu poder de sintetizar no contraste dos mármore branco e negro a modernidade e o mito

Norma Freire

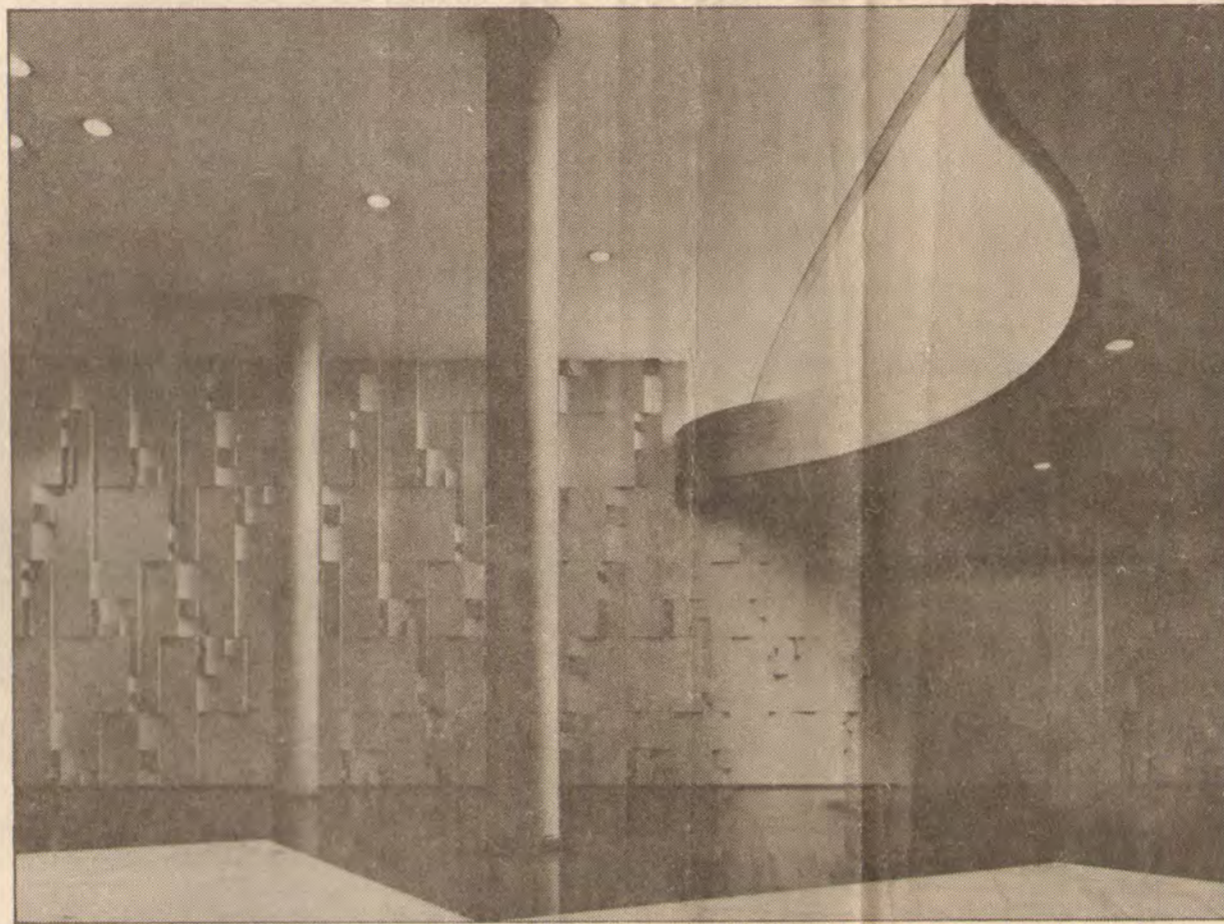
A partir de hoje às 19 horas, 13 peças inéditas do escultor Sérgio Camargo estarão expostas no Gabinete de Arte Raquel Arnaud. Algumas são em mármore branco de Carrara, mas a maioria traz em si as reminiscências arcaicas do negro belga, material que o artista carioca, nascido em 8 de abril de 1930, vem utilizando com frequência a partir dos anos 80. O uso do mármore negro surgiu quando Sérgio foi convidado a fazer um jogo de xadrez para uma galeria do Rio. Desde então, ele tem explorado os contrastes de reflexão e concentração de energia dos mármore branco e negro, sob o rigor de um raciocínio único, capaz de ligar os mistérios do passado e do futuro com a velocidade da luz.

Camargo é um dos poucos artistas brasileiros de trânsito livre no mercado internacional. Em 1963, ao conquistar o primeiro prêmio na Exposição Internacional de Escultura de Paris, já havia abandonado definitivamente a ideia de tornar-se diplomata e, desde 1961, estabeleceu-se em um ateliê na capital francesa, produzindo uma arte que um crítico da época classificou de "autênticas, pessoal, brasileira".



Bronze de 1954: O Vento, da série Mulher

Foi na Argentina, em Buenos Aires, que o escultor, aos 16 anos, começou a estudar seriamente as artes plásticas, na Academia Altamira ao lado dos mestres Fontana e Pettorutti. Em 1948 viajou pela primeira vez para a Europa e em Paris cursou filosofia na Sorbonne, frequen-



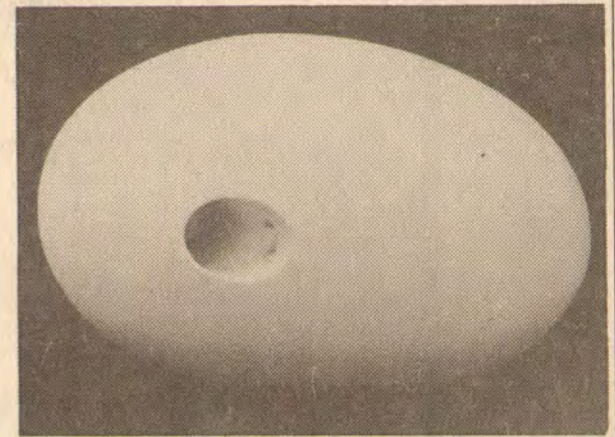
Parede de concreto, Centro Empresarial Itaú, 1983: porção brasileira de uma obra espalhada pelo mundo

tou a Grand-Chamière, e recebeu aulas de esculturas de Auricoste, no seu ateliê.

Embora os jogos de luz e sombra sempre tenham estado presentes nos trabalhos de Camargo, sua linguagem parece ter-se aprofundado em anos recentes, em que tem trabalhado ativamente no seu ateliê de Jacarepaguá. Em Massa, na Itália mantém um espaço ao lado dos ateliês dos mestres-operários, que executam em mármore suas maquetes em madeira. Sua volta ao Brasil se iniciou nos anos 70, quando comentou: "Se eu não voltasse agora, acho que não o faria nunca mais". Obras suas estão espalhadas pelo mundo, de Caracas à Trondheim, na Noruega, nos jardins de Port Bacarès, na França, e nas coleções da Cidade do México e de Washington.

Entretanto, várias vezes havia sido notada a falta de um volume que reunisse os trabalhos de Camargo de uma forma contínua e didática. Esse vazio foi preenchido agora com o lançamento do livro **Camargo**, uma ideia antiga do Gabinete de Arte, que levou quatro anos para realizá-la. Em formato 30 cm x 30 cm, capa dura forrada em tecido cinza, sobrecapa em clichê plastificado, o projeto foi executado pela Clinch Promoções com concepção gráfica do artista plástico Wáltercio Caldas.

"Para a sua execução, trabalhamos com muita calma e reflexão", diz Rachel Arnaud, proprietária da galeria. O álbum contém 43 fotos em cores e 272 em preto e branco, em 268 páginas em clichê fosco, além de nota biográfica, biblio-



Camargo (ao lado): aprofundamento nos últimos anos. Acima, trabalho de 1990



SERVIÇO

Esculturas inéditas de Sérgio Camargo — A partir de hoje às 19 horas, no Gabinete de Arte Raquel Arnaud (Avenida Brigadeiro Luís Antônio, 4.417) até 20 de outubro. Na ocasião, será lançado o livro **Camargo** pelo preço especial de Cr\$ 13.200,00

grafia e curriculum do artista, acompanhado de reproduções dos cartazes das principais exposições.

O texto ficou a cargo de crítico Ronaldo de Brito, um dos maiores conhecedores da obra de Camargo. Em estilo altamente erudito e elegante, Brito comenta a trajetória do artista sem a preocupação da linearidade temporal. Em vez disso, sua preocupação maior parece ser o acompanhamento das evoluções da reflexão de Camargo e suas principais influências, que se situam segundo Brito entre "o reducionismo de Brancusi e o brutalismo de Henri Laurens". É nessa interseção que Camargo realiza sua visão do dilema do volume moderno, relatado em elementos extremamente clássicos que remetem aos mitos.

Coletiva

Quarenta artistas tentam preservar a vida no Pantanal

Nomes famosos da produção contemporânea participam de uma seqüência de exposições, vídeo e debates, que começa hoje e tem a região como tema

A necessidade de preservação dos nichos ecológicos, sua fauna e flora motivou uma série de exposições e palestras que a Sadalla Galeria de Arte organiza anualmente, desde 1988. Depois da primeira, Juréia, e da seguinte, Litoral Norte, o tema de 1990 é o Pantanal. Sobre a região — a maior área úmida em extensão do mundo, com cerca de 140 mil quilômetros quadrados — foram chamados a refletir 40 artistas plásticos, entre os mais representativos da produção contemporânea. Entre eles, Aguilar, Peticov, Antônio Henrique Amaral, Bené Fonteles, Carlos Scliar, Flávio Shiró, Gruber, Guto Lacaz, Baravelli, Tomie Ohtake e Wesley Duke Lee. As obras, mostrando realidades, visões, críticas e propostas, estarão expostas a partir de hoje às 19 horas.

Ao mesmo tempo, foi prevista a exibição de um áudio-visual realizado a partir de uma pesquisa de 13 anos feita pelo fotógrafo naturalista Haroldo Palo Júnior, condensada em 17 minutos de projeção que mostram todos os aspectos de um dia na vida do Pantanal. Durante a projeção, marcada para quinta-feira às 20 horas, Palo Júnior fará uma apresentação sobre seu trabalho e suas experiências como fotógrafo da natureza. Colaborador de revistas como a Geográfica Universal, Ícaro e outras, Palo Júnior já fez cinco viagens à Antártica e publicou um livro sobre o assunto. Bené Fonteles (coordenador do Movimento Nacional de Artistas pela Natureza), Geraldo Rocha Azevedo, João Paulo Capobianco, Nilson de Barros e Fausto Pires de Camos ficarão encarregados da palestra e debates.

Dez fotógrafos também foram convidados para participar do acontecimento, que será prolongado como uma exposição de fotos no Shopping Center Iguatemi, a partir de dia 1º, segunda-feira. Com temas que mostram a fauna, a flora, a paisagem, o pantaneiro, a queimada, a caça, a morte e a destruição, serão exibidas 40 ampliações diretamente do cromo, com alta definição de imagem, produzidas por nomes como Juca Martins, Renata Falzoni, João Paulo Capobianco, João Musa e Haroldo Palo Júnior.



América: técnica mista de Antônio Peticov



Acrílico sobre tela, do pintor Adir Sodré

SERVIÇO

Exposição de 40 obras de 40 artistas plásticos sobre o Pantanal a partir de hoje às 19 horas na Sadalla Galeria de Arte (Rua Estados Unidos, 367 - Jardim Paulista) até 19 de outubro. Vídeos e debates no mesmo local, dia 27, quinta-feira, às 20 horas. Mostra de Fotografias a partir de segunda-feira, dia 1º, no Shopping Center Iguatemi (Avenida Brigadeiro Faria Lima, 1.191) das 10 às 22 horas.

Portinari

O encanto dos pequenos traços

Uma série de estudos de motivos, expressões e ilustrações para obras famosas mostra etapas quase desconhecidas do trabalho do mestre de Brodóski



Coluna Prestes - guache e nanquim de 1951

Alguns aspectos e temas quase desconhecidos da obra de Portinari estão entre as 15 técnicas mistas — crayon, pastel e grafite — que o Espaço Cultural José Duarte de Aguiar e Ricardo Camargo expõe a partir de hoje. Entre essas, há um retrato de Luiz Carlos Prestes feito pelo artista em 1942 e ilustrações realizadas sob encomenda para a editora parisiense Gallimard, em 1960, para acompanhar visualmente o romance **Rosas de Setembro**, de André Maurois. Ainda, estará exposto o último tema que Portinari executou antes de sua morte em 1962, o crayon **Índia Carajá**.

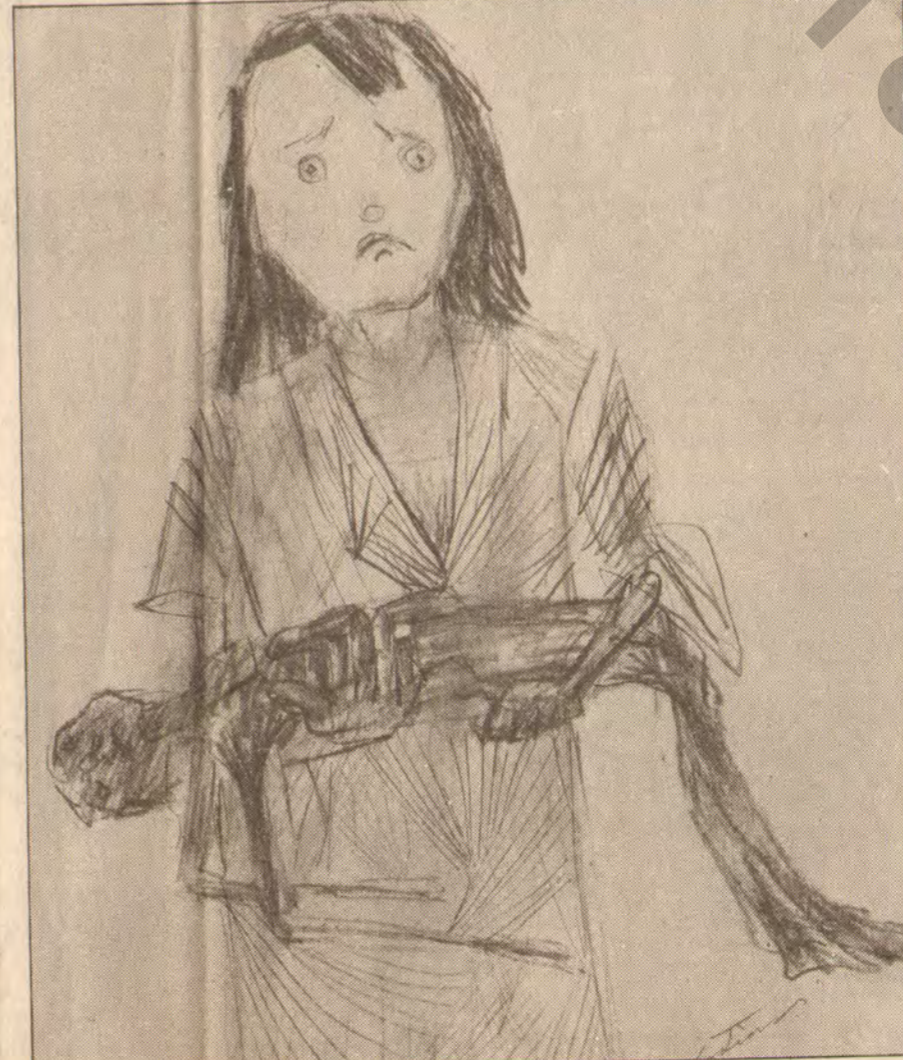
A mostra, despojada em seus meios, expõe com clareza os caminhos do artista até a obra final, numa série de estudos que constitui o ponto de partida e reflexão para o tratamento dos temas que caracterizam os grandes painéis da obra de Portinari.

O caráter "em trânsito" dessas obras confere um encanto especial à mostra, que abrange o amplo período que se estende dos anos 30 até os anos 60. Obras como **Baiana** (1931), **Taba de Índios** (1952), e os estudos para os painéis **Guerra e Paz**, da Organização das Nações Unidas (Nova York, 1955), e **Descobrimiento do Brasil** (1953) estão presentes.

Cena de Praia e Moça e Soldado são dois dos crayons coloridos e grafites que serviram de estudo para a ilustração das **Rosas de Setembro**. Sobre o primeiro, Pedro Nava construiu uma frase reproduzida no catálogo **25 Anos sem Portinari** que estará à venda durante a exposição: "o corpo humano na sua superfície e cavidades acessíveis é tão profundo e complexo como a alma que dizem que o habita como sopro de vida ou de divino". **Índia Carajá** é um grafite de 18 por 11 cm sobre o qual Otto Maria Carpeaux comentou: "A sua arte conhece apenas linhas, cores, tons, luzes e sombras. Com estes elementos gramaticais da pintura (Portinari) descobriu o sertão brasileiro, a realidade pictórica do Brasil, deformando-a violentamente. Descobriu-a, deformando-a". Esta mostra de estudos de Portinari do acervo do marchand Ralph Camargo fica exposta até 19 de outubro.

SERVIÇO

Técnicas Mistas de Portinari no Espaço José Duarte de Aguiar e Ricardo Camargo (Rua Doutor Mello Alves, 397, telefone 881-3908), de hoje às 21 horas até 19 de outubro. Preço das obras de Cr\$ 400 a Cr\$ 2,4 mil



Mulher com Menino Morto, crayon e pastel no estudo para Guerra e Paz